

“DÁ-ME OS ÓCULOS”: FERNANDO PESSOA, PERSONAGEM DA HISTÓRIA DA LITERATURA

“GIVE ME MY GLASSES”: FERNANDO PESSOA, A CHARACTER FROM THE HISTORY OF LITERATURE

Sara Grünhagen^{1*}

RESUMO

Este trabalho visa retrair e analisar a construção da personagem Fernando Pessoa pela História da Literatura, mais especificamente pelos seus primeiros leitores, biógrafos e editores. A recepção de sua obra e a decorrente criação de uma personagem por trás dela, com traços bem definidos, será a ênfase desta análise, que tomará como referência um exemplo específico e já incontornável da recepção ficcional de Pessoa, a saber, o romance *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), de José Saramago. Recuperando tanto a obra pessoana quanto aquela da tradição em torno de Pessoa, este romance recria e reflete sobre os traços de uma tal personagem, colocando em debate não apenas a sua própria elaboração narrativa como também a elaboração de outras construções que, em princípio, não se pretendiam ficcionais. Trata-se de analisar, portanto, menos a personagem Fernando Pessoa de Saramago e mais os ecos da personagem da História da Literatura presentes num romance que, tirando-lhe os óculos, não perde de vista a tradição que antes tratara de imortalizá-los.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando Pessoa; recepção; José Saramago; personagem.

ABSTRACT

This work aims to retrace and analyze the construction of the character Fernando Pessoa by the History of Literature, more specifically by Pessoa's first readers, biographers, and editors. The reception of his work and the resulting creation of a character behind it, with well-defined traits, will be the emphasis of this analysis, which will take as reference a specific and already unavoidable example of Pessoa's fictional reception, namely, the novel *The Year of the Death of Ricardo Reis* (1984), by José Saramago. While recovering both Pessoa's work and that of the tradition around him, this novel recreates and reflects on the traits of such a character, questioning not only its own narrative elaboration, but also the elaboration of other productions that, in principle, were not intended to be fictional. It is therefore a question of analyzing less the character Fernando Pessoa as created by Saramago and more the echoes of the character from the History of Literature present in a novel that, taking off his glasses, does not lose sight of the tradition that had previously tried to immortalize them.

KEYWORDS: Fernando Pessoa; reception; José Saramago; character.

^{1*} Sara Grünhagen é doutora em Estudos Lusófonos pela Université Sorbonne Nouvelle, em cotutela com a Universidade de Coimbra. Atualmente leciona na Université Sorbonne Nouvelle.



Óculos redondos, chapéu preto e de abas largas, fato amarrotado, calças curtas. Corpo franzino, pernas delgadas, ligeira corcunda, testa de largas entradas, bigode à americana. Poeta. Alcoolatra. Indigente, ao fim da vida. Incompreendido, frustrado sexualmente, assombrado por uma loucura de família. Gênio, porém: criador de heterônimos, com quem se confunde e é confundido.² Os detalhes são mais ou menos conhecidos, e a personagem, hoje, é facilmente identificável e como tal reproduzida. Fiel ou não, a história de Fernando Pessoa é também a história da construção de sua biografia e da edição e recepção de sua obra. Uma e outra são importantes e precisam ser levadas em conta: passados quase noventa anos desde a sua morte, talvez seja mais difícil saber quem foi, de fato, Fernando Pessoa do que reconstituir a *persona* literária construída por livros seus e de terceiros. Um e outro, o Fernando Pessoa histórico e a personagem da História da Literatura, tornaram-se uma presença importante do imaginário cultural português, confundindo-se por vezes, repercutindo muito além das obras que se dedicaram a torná-lo conhecido e chegando mesmo à ficção.

Não faltam exemplos da recepção ficcional da obra pessoana, da literatura ao cinema, mas um livro específico e já incontornável do cânone literário português será o foco deste estudo: o romance *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), de José Saramago. Partindo dessa obra, o presente trabalho visa retrazar e analisar a construção da personagem Pessoa da História da Literatura, na medida em que, recuperando tanto a obra pessoana quanto aquela da tradição em torno de Pessoa, o romance de Saramago recria e reflete sobre os traços de uma tal personagem, colocando em debate não apenas a sua própria elaboração narrativa, como também a elaboração de outras construções que, em princípio, não se pretendiam ficcionais. Trata-se de cruzar, portanto, dois tipos de recepção, em especial aquela biográfica e aquela ficcional. A ênfase estará menos na personagem Fernando Pessoa de Saramago, já analisada por outros autores³, e mais nos ecos da personagem da História da Literatura presentes num romance que, tirando-lhe os óculos, não perde de vista a tradição que antes tratara de imortalizá-los.

Nesse contexto, um conceito-chave e já bastante conhecido da narratologia permanece pertinente e fundamenta esta reflexão: como se verá, o processo de criação analisado é marcado pela intertextualidade, conforme definida por Gérard Genette, afinando o conceito mais amplo inicialmente introduzido por Julia Kristeva (1967, p. 440-441). Em Saramago, a intertextualidade implica não só “uma relação de copresença entre dois ou mais textos”, mas também, com frequência, “a presença efetiva de um texto em outro” (GENETTE, 1982, p. 8).

2 Todas estas características provêm da biografia de João Gaspar Simões (1973; salvo menção em contrário, as citações são da terceira edição). Sobre a indumentária e o perfil físico, ver p. 473, 661, 664. Sobre o alcoolismo e a miséria ao fim da vida, ver em especial o prefácio à segunda edição (p. 11-20) e p. 484-490. Sobre a questão sexual, ver todo o capítulo 11, “Sexualidade frustrada”, p. 495-504. Sobre a ameaça da loucura e a avó Dionísia, ver p. 37, 101-2. Sobre o gênio e a criação dos heterônimos, “outros nomes seus, que são ele ainda”, ver p. 15, 260 e toda a parte 6 (p. 253-315).

3 A exemplo de Cerdeira (1989, p. 168-182) e Roani (2006, p. 62-79).

Como se sabe, o romance de Saramago aparece em um momento em que a consagração de Fernando Pessoa está no seu auge – e não seria ir longe demais supor que, com aquilo de homenagem que também comporta, *O ano* contribuiu para esse processo –, após uma já longa trajetória de publicações e edições de sua obra inédita. A história é bem conhecida, mas cabe lembrá-la, de maneira também a permitir que se lhe faça o balanço. Tendo publicado pouco em vida – para além de poemas e artigos soltos, foram quatro livros pequenos de poemas, três em inglês (*Antinous* e *35 Sonnets*, de 1918, e *English Poems I-II e III*, de 1921) e um em português (*Mensagem*, 1934) –, e feito parte do movimento modernista português associado à revista *Orpheu*, de 1915, com apenas dois números e um impacto considerável, Pessoa não era um completo anônimo quando morreu, mas também não era o que se chamaria um escritor famoso. Sua obra tomou outra dimensão quando pesquisadores começaram a trabalhar naquilo que ficou conhecido como a arca de Fernando Pessoa, e que incluía, além da famosa “Arca dos inéditos”, registrada na fotobiografia de Lancastre, de 1981 (1986, p. 314), uma mala e uma série de envelopes numerados (DIONÍSIO, 2008, p. 55).

Há que lembrar que parte do espólio de Pessoa só chegou à Biblioteca Nacional em 1969, adquirido pelo Estado, e que o acesso a esse material, atualmente distribuído em 105 caixas e desde 1981 incorporado ao Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea, foi durante muito tempo restrito. Já se escreveu bastante sobre as dificuldades de tratar desse acervo e da história da edição de Pessoa (ver, por ex., BLANCO, 2008, p. 634-638), e o que interessa destacar aqui é que a divulgação e popularização da obra e, por extensão, da figura de Fernando Pessoa deu-se de maneira gradativa, com alguns marcos importantes, até se chegar à década de 1980, arco temporal que interessa à presente análise.

Críticos literários com quem Pessoa se correspondera assinalam o início do processo de publicação de sua obra, não sem polêmicas e uma certa concorrência: em 1942, Casais Monteiro publica uma antologia em dois volumes com a obra já publicada de Pessoa e alguns poemas inéditos, sendo, porém, processado pela Ática, que vai lançar, no mesmo ano, o primeiro volume de suas *Obras completas de Fernando Pessoa*, com organização de Luís de Montalvor e João Gaspar Simões. Os dois organizaram juntos até o quinto volume, sendo os primeiros a inventariar o espólio pessoano, e a coleção da Ática vai se estender até o volume XI, de 1973, organizado por Jorge de Sena (ibid., p. 636). Não mais trabalhando na edição a partir de 1946, e polemizando ao criticar os novos organizadores, Simões lançará várias outras publicações sobre Pessoa, com destaque para a primeira biografia do poeta, em 1950, passados apenas quinze anos da morte do autor.

Com suas setecentas páginas e o projeto de “estabelecer o quadro psíquico, mental, pessoal, social, intelectual do escritor retratado” (SIMÕES, 1973, p. 15), tal volume foi definidor para a construção da personagem Fernando Pessoa, e por isso também foi muito criticado, a começar pela própria família do poeta: já no ano seguinte, Eduardo Freitas da Costa, primo do autor, publica *Fernando Pessoa: notas a uma biografia romanceada*. Casais

Monteiro, que em 1958 lançara *Estudos sobre a poesia de Fernando Pessoa*, vai condenar igualmente este trabalho “ambicioso” e, a seu ver, por isso mesmo mais fracassado, apontando para o problema do psicologismo da abordagem de Simões e para a “infinidade de erros” em sua leitura tanto da vida quanto da obra de Pessoa (MONTEIRO, 1985, p. 152, 154).

Não foi, porém, apenas Simões que buscou revelar a intimidade de Pessoa. Já em 1936, por exemplo, Carlos Queiroz havia publicado em sua *Homenagem a Fernando Pessoa* excertos das cartas de amor dirigidas a Ophélia Queiroz, sua tia, para o desgosto da família de Pessoa⁴ –, embora nesta primeira publicação a destinatária ainda não seja indicada. O modo como Pessoa foi sendo dado a conhecer ao público passou pela indissociação entre vida e obra, o que, não sendo uma prática estranha à época, foi acentuada pelo interesse no fenômeno da heteronímia. Se até a sua morte pouco se sabia sobre Fernando Pessoa para além daquilo que ele escolhera e conseguira publicar, a fascinação que aquela figura multiplicada veio depois a provocar fez com que tudo fosse passível de publicação: cartas, bilhetes, rascunhos, fotografias enviadas aos amigos, cartões que ele próprio recebeu e toda a infinidade de detalhes que as edições recentes em torno de Pessoa têm explorado ainda mais.

Edições de sua correspondência pessoal já eram destaque há muito tempo: além do livro de Queiroz, temos, em 1945, as *Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues* publicadas por Joel Serrão, e o próprio Simões lançará, em 1957, as cartas que lhe foram destinadas (PESSOA, 1982).⁵ Fato é que Simões, não sendo o único a se voltar para a intimidade de Pessoa, como que congregou e estabeleceu toda esta indissociabilidade poeta/obra e, por mais criticado que tenha sido, sua biografia continua no horizonte de pesquisas recentes, não raro preocupadas em refutar os “muitos mitos pessoanos criados” pelo crítico (como BLANCO, 2007, p. 147). Não é de estranhar, então, que a personagem pintada por Simões ecoe de alguma forma num romance em que a vida e a obra de Pessoa se cruzam o tempo todo, reinventadas, é certo, mas não do zero.

É bem provável que Simões, hoje, não seja mais uma leitura obrigatória e esteja um pouco esquecido, mas o seu papel na criação da mitologia e da mistificação pessoana é inegável – digamos que permanece o boato, o mito, mesmo que se esqueça o nome daquele que primeiro o propagou. Cabe dedicar alguma atenção a esse trabalho, até para que fique mais claro o que dessa personagem vai repercutir n’*O ano*.

O método de análise de Simões, pretendendo-se rigoroso, documental, não difere muito de estudos feitos desde o final do século XIX que, numa perspectiva crítica naturalista, enxergavam na obra e no estilo de um autor “a fotografia exata de seu espírito”, como Sílvio

4 Henriqueta Madalena, meia-irmã de Fernando Pessoa, o comenta em uma entrevista, quando as *Cartas de amor de Fernando Pessoa*, organizadas por David Mourão-Ferreira, já tinham sido publicadas (in ANDRADE, 1985, p. 6).

5 Sobre estas e outras edições póstumas, ver o já citado verbete de Blanco (2008, p. 635).

Romero, por exemplo, já fazia a propósito de Machado de Assis, com todos os preconceitos que lhe são bem conhecidos.⁶ Simões tem uma admiração inegável pelo seu objeto de estudo e chega mesmo a reprovar nele aquilo que vê como faltas. O modo como decide “encarar a obra de Fernando Pessoa à luz de sua biografia e de esclarecer a sua biografia à luz da sua obra”, defendendo a legitimidade dessa abordagem “sobretudo depois que o método de Freud entrou no domínio da análise literária” (SIMÕES, 1973, p. 15), faz com que, inevitavelmente, acabe por haver, nas descrições feitas e nas conclusões tiradas, muita romantização e mesmo invenção num texto que se quer científico – e de certa forma trabalhos dessa natureza como que explicam os excessos posteriores do estruturalismo, em sua preocupação com excluir totalmente o autor e em não ultrapassar as fronteiras do texto.

Foi Simões quem primeiro deu a conhecer inúmeros pormenores hoje associados a Pessoa, que vão de detalhes sobre o perfil e a aparência – os óculos, é claro, mas também as calças curtas, o chapéu e todas as outras características citadas no início deste texto – à indicação de restaurantes e cafés que frequentava, sempre a beber, passando ainda pela história de sua família, do seu apego à mãe, da loucura da avó, da mudança para Durban, da formação inglesa e entrando mesmo nos detalhes da relação com Ofélia, sem ph, incluindo as intromissões de Álvaro de Campos e as razões, ou a falta delas, para um tal envolvimento. Muitas destas informações serão recuperadas n’*O ano*, não raro com ironia, como se Saramago retomasse o debate iniciado por Costa e Casais Monteiro e propusesse uma desmistificação ficcional, em outro contexto e com mais informações.

A caracterização de Fernando Pessoa no romance permite já perceber o diálogo com o autor e sua obra e com a personagem na qual ele se tornara. Logo no primeiro encontro de Pessoa e Reis, lê-se que Fernando Pessoa “não veste sobretudo nem gabardina [...], nem sequer um chapéu para a cabeça”, mas “tem só o fato preto, jaquetão, colete e calça, camisa branca, preta também a gravata, e o sapato, e a meia, como se apresentaria quem estivesse de luto ou tivesse por ofício enterrar os outros” (SARAMAGO, 2016, p. 88-89). Os comentários são do narrador, mas há com frequência focalização a partir da perspectiva de Ricardo Reis, que constantemente o observa: “só agora notava que as calças lhe estavam curtas” e “é inconfundível aquele pescoço alto e delgado, o cabelo um pouco ralo no cimo da cabeça” (ibid., p. 104-105 e 321), parecendo sugerir interpretações para uma tal figura: “aquele rosto nu, sem óculos, com o bigode ligeiramente crescido [...] exprimia uma grande tristeza” (ibid., p. 329). A figura da avó louca é igualmente recuperada, fala-se na “feroz avó Dionísia”, e Reis chega mesmo a sentir medo ao pensar no jazigo da família Pessoa, “na avó Dionísia, lá dentro, no aflito neto Fernando, ela de olhos arregalados vigiando, ele desviando os seus” (ibid., p. 390 e 43).

6 Em Machado, Romero destaca uma certa “gagueira” na escrita que refletiria a sua pessoa e até uma “moléstia da cor” que o afetaria e, como consequência, enfraqueceria sua prosa (ROMERO, 1897, p. 82).

Muitos dos locais frequentados por Pessoa e explorados na biografia de Simões aparecem no romance, mas tendo agora Ricardo Reis como cliente, e a suposta escolha de determinado endereço pela personagem chega a ser comentada pelo narrador, como quando Reis volta a almoçar nos “Irmãos Unidos, por nenhuma razão particular, acaso o atraiu o simples nome do restaurante, quem nunca teve irmãos, e de amigos se vê privado, sofre de nostalgias assim” (ibid., p. 207). No mesmo dia, Reis entra no café “Brasileira”, onde “ouviu falar uns que deviam ser literatos” (ibid., p. 208), e em uma das vezes em que está acompanhado de Pessoa ele sugere: “Entramos no Martinho, e Fernando Pessoa, com um gesto sacudido, Seria imprudente, as paredes têm olhos e boa memória, outro dia poderemos lá ir sem que haja perigo de me reconhecerem, é uma questão de tempo” (ibid., p. 104).

A preocupação da personagem tem já fundamentação no Pessoa das cartas a Ophélia: em uma delas, Pessoa explica que, entre as razões por não lhe ter telefonado, está o problema dos locais de onde poderia lhe ligar, um deles sendo o “Café Arcada, e ahi fallar é fallar em publico” (PESSOA, 1978, p. 117). Aqueles olhos e aquela boa memória de que a personagem fala foram, pois, parar na biografia de Simões: no prefácio à segunda edição de *Vida e obra de Fernando Pessoa*, de 1971, o crítico defende seu trabalho também pelo mérito de ter recolhido “os depoimentos que mais o valorizam [a Pessoa], ou seja, o testemunho pessoal de amigos, colegas, patrões, criados de café, barbeiros, taberneiros, gente hoje desaparecida” (SIMÕES, 1973, p. 13-14). Esse material resultou em descrições como:

[Pessoa era um] frequentador anónimo do Martinho da Arcada – então o seu café predilecto, pois abandonara de todo a Brasileira e o Chiado –, onde, às tardes, vinha sentar-se diante de um café e de um bagaço, antes de dirigir-se à Rua da Prata para pôr em dia a correspondência inglesa da casa Moitinho de Almeida, uma das em que mais assiduamente trabalhava então, depois de passar pela adega Val do Rio a encher a garrafinha de aguardente que transportava, cautelosamente, na pasta de que se fazia acompanhar – “trabalha-se melhor assim”, dizia ao criado pachorrento que o servia (ibid., p. 651).

A afinidade de Pessoa com o álcool é um aspecto destacado na biografia de Simões, e bastante criticado pela família⁷: fala-se sobre “os excessos a que [Pessoa] se dera sempre, bebendo muito mais do que seria razoável”, fala-se sobre sua “vida errante”, “uma vida sem rei nem roque, o estômago curtido a cafés e o fígado empedernido pela aguardente, que bebia já como alcoólico inveterado”, e menciona-se que Pessoa chegou a ir à Baixa “três dias antes de morrer, [...] entrara no Martinho da Arcada, [...] e pigarreara, tossira, tossira muito, pois tinha agora um pigarro de alcóolico, que se ouvia longe. [...] Bebia, bebia, bebia – para se asfixiar” (ibid., p. 484-485, 490, 663). É Simões quem apresenta a causa da morte de Pessoa – uma “fulminante cólica hepática” –, diagnóstico que, quando não contestado, tem sido tratado com

7 Defendendo-as e reafirmando-as, o prefácio à segunda edição da biografia menciona a revolta da família com as “revelações que faço sobre o alcoolismo e a relativa miséria do poeta” (SIMÕES, 1973, p. 16).

cautela ou mesmo ignorado por estudos mais recentes.⁸ A personagem descrita por Simões tem, afinal, laivos de romantismo coerentes com o alcoolismo, mal de poetas do século XIX, homens geniais, solitários, um pouco loucos, alheios ao mundo, renunciando a tudo e a todos pela construção de sua obra. Não é, portanto, difícil de ver certa ironia quando comparamos o retrato às avessas de Ricardo Reis, biografado pela negação e muito lúcido:

Regressava Ricardo Reis do seu jantar, sopa, um prato de peixe, pão, fruta, café, sobre a mesa dois copos, o último sabor que leva na boca, como ficámos cientes, é o do vinho, mas deste freguês não há um só criado que possa afirmar, Bebia de mais, levantava-se da mesa a cair, [...] de Ricardo Reis não há testemunhas na história da embriaguez. Sempre tem estado lúcido quando lhe aparece Fernando Pessoa, está lúcido agora quando o vê sentado, de costas, no banco mais próximo do Adamastor (SARAMAGO, 2016, p. 321).

Em outra dessas cenas cotidianas, temos o narrador a supor e comentar uma possível entrevista com criados sobre o comportamento daquela personagem, metalepticamente se insinuando na narrativa: “um dia que venha alguém curioso de averiguar que maneiras tinha Ricardo Reis à mesa, [...] estes criados galaico-portugueses, provavelmente, dirão que nunca fizeram grande reparo nisso, Saiba vossa excelência que há de tudo, [...] Vossa excelência reparou, é aquele o jeito dele”, e este interlocutor não nomeado, numa encenação de um diálogo suposto, chega mesmo a responder: “Estou a perceber [...] Vá, vá, obrigado pelas informações” (ibid., p. 316-317). Se não diretamente a obra *Vida e obra de Fernando Pessoa*, é como se o gênero biografia em si fosse parodiado por Saramago nesse tipo de cena, com o narrador averiguando mas também comentando os fatos, fazendo-se ainda notar pelo recurso à metalepse, trazendo à tona que aquilo tudo é uma construção ficcional.

Há outros diálogos mais ou menos diretos com a personagem de Pessoa a que se tem feito referência, cujos principais contornos foram definidos por Simões. O caso de Ophélia Queiroz (1900-1991) é digno de nota. Embora trechos das cartas que Pessoa lhe enviou tenham sido publicados no já referido livro de Carlos Queiroz, “coligidos de colaboração com a destinatária” (QUEIROZ, 1936, p. 36), o nome da moça não aparece senão na dedicatória do folheto (com a grafia modernizada: “à Ofélia” e outros), tendo-se o cuidado de omiti-lo nas cartas propriamente⁹ – conquanto seja provável que, para os conhecidos de Pessoa na época, não se tratasse de um mistério. Simões é quem vai retomar estas cartas e apresentar o caso em detalhes, sem indicar o sobrenome da moça, certo de que apenas o “nome não será bastante para identificar a única mulher que teve a ventura de receber cartas de amor de um grande poeta” (SIMÕES, 1973, p. 24). O primeiro biógrafo de Pessoa não lhe perdoa, porém, esse amor:

8 Bréchon resume a polêmica e as contestações a Simões em sua biografia de Pessoa (1996, p. 540-3).

9 Nas cartas, o nome é substituído por três asteriscos, como em “Adeus, ***” (QUEIROZ, 1936, p. 39).

Como é que uma personalidade assim [...] se vê, de forma tão imprevista, enfeitada pelos encantos terra-a-terra de uma rapariguinha pouco culta, trivial e de estreitos ideais burgueses? [...] Se não soubéssemos que as assinava, de facto, o nome de alguém que nesse momento escrevia algumas [...] das mais belas poesias que entre nós ainda se escreveram – seríamos levados a atribuí-las, salvo em breves pormenores, a qualquer contabilista adolescente [...]. E não se diga que o amor provoca destes colapsos da inteligência nos mais inteligentes, e justifica estes deslizes do gosto nos mais apurados. Bem certo que Baudelaire adorou uma mulata e foi buscar ao vazadoiro de Paris a mais querida das suas amantes. Mas é diferente. [...] A paixão de Fernando Pessoa é uma nódoa mais na formação social do Português. Mil vezes os desbragamentos de um Camões, homem de mulheres da vida, ou as devassidões de um Eça de Queirós, apreciador de espanholas, que esta paixão pautada pelo desejo de conquistar o coração de uma menina, sem dúvida alguma adorável, mas tão adorável quanto trivial! (ibid., p. 478-479, 481).

O tom preconceituoso de Simões neste e em outros trechos será menos lembrado do que os casos em si que ele narrou, mas é certo que Casais Monteiro já havia criticado duramente tal leitura e abordagem do episódio amoroso da vida de Pessoa, supondo mesmo que o nome Ofélia, tão convenientemente shakespeariano, fora inventado por Simões (MONTEIRO, 1985, p. 162). É outro o contexto em que Saramago recupera o episódio, numa altura em que as *Cartas de amor de Fernando Pessoa*, de 1978, já haviam sido publicadas, precedidas de um depoimento da própria Ophélia. É outro também o tom com que pinta o caso, recuperado pelas palavras da personagem de Pessoa:

A Ophelinha, com ph, que eu namorei em tempos, trabalhava lá no escritório, Não consigo imaginá-lo a namorar, Namorar, todos namoramos, pelo menos uma vez na vida, foi o que me aconteceu a mim, Gostava bem de saber que cartas de amor terá você escrito, Lembro-me de que eram um pouco mais tolas do que o habitual (SARAMAGO, 2016, p. 393).

Como quase sempre ocorre no romance de Saramago, é Ricardo Reis o interlocutor de Pessoa, e é Ricardo Reis quem, no drama da correspondência com Marcenda, parece reviver de certa forma o caso amoroso frustrado, com os versos de Álvaro de Campos, datados de outubro de 1935, ecoando mais de uma vez: “não esquecer que todas as cartas de amor são ridículas, isto é o que se escreve quando já a morte vem subindo a escada, quando se torna de súbito claro que verdadeiramente ridículo é não ter recebido nunca uma carta de amor” (ibid., p. 315). É curioso ainda como a intertextualidade escrita é marcada no trecho: “Ophelinha” é o vocativo que Pessoa usa em algumas das cartas que só vieram a lume em 1978¹⁰, e Ophélia, com ph, corresponde à grafia do nome na época, depois modernizada tanto por Carlos Queiroz quanto por Simões.¹¹ Como que reforçando que era mesmo de citação que se tratava no vocativo carinhoso, logo a seguir será a grafia moderna do nome a aparecer na fala de Pessoa, ainda no diálogo com Ricardo Reis: “a Ofélia era da[c]tilógrafa” (SARAMAGO, 2016, p. 393).¹²

10 A primeira carta de Pessoa, de 1.º de março de 1920, já traz essa designação (PESSOA, 1978, p. 47).

11 Desde a primeira edição adota-se a forma Ofélia (ver SIMÕES, 1950, v. II, p. 164).

12 A primeira edição da Caminho traz a grafia não atualizada da profissão (SARAMAGO, 1984, p. 333).

É fato que o caso com Ophélia já não era novidade na década de 1980, mas mesmo o que poderia parecer mera recriação de episódios conhecidos tem alguma base textual. Há outros episódios que podem parecer pura invenção de Saramago, mas que têm fundamento ao menos na biografia de Simões. Veja-se, por exemplo, o trecho em que Pessoa fala de uma certa imagem que tinha na família: “Foi lá a casa um médico, eu estava deitado, no quarto, a minha irmã abriu a porta, A sua meia-irmã, [...] Abriu a porta e disse para o médico entre senhor doutor está aqui este inútil, o inútil era eu, é claro” (SARAMAGO, 2016, p. 263). A meia-irmã é Henriqueta Madalena, que morava em Lisboa e que, segundo Simões, se ocupava do irmão (SIMÕES, 1973, p. 664). Não aparecendo exatamente com essa configuração em Simões, a cena recupera, porém, outros episódios e mesmo o cenário dos últimos dias de Pessoa conforme surgem na dita biografia, além do adjetivo: o crítico diz que Pessoa era visto como “um ‘inútil’, segundo desabafo de um parente próximo ao médico que o visitou numa das suas últimas crises” (ibid., p. 19).¹³

Enfim, é também da biografia de Simões que provém o já famoso último pedido de Pessoa: “Dá-me os óculos!”, que leva o crítico a uma comparação algo romântica com Goethe (ibid., p. 667) ironizada por Casais Monteiro: “Mas a frase era sonora, e uma citaçãozinha de Goethe fica sempre bem, não é verdade?” (MONTEIRO, 1985, p. 163).¹⁴ A frase será recuperada n’*O ano* para explicar a ausência do acessório na personagem, estranhada, de novo, por Ricardo Reis, que “julga compreender porquê, seria absurdo e de mau gosto sepultar alguém tendo postos os óculos que usou em vida”, mas o narrador nos explica que “a razão é outra, é que não chegaram a dar-lhos quando no momento de morrer os pediu, Dá-me os óculos, disse e ficou sem ver, nem sempre vamos a tempo de satisfazer últimas vontades” (SARAMAGO, 2016, p. 102-103). Como que se intrometendo no pensamento de Reis – a explicação não é dada pelas personagens nem a elas é dirigida, mas serve de esclarecimento para o leitor –, o narrador mais uma vez comenta dados recuperados de outras fontes, ainda que não especificadas.

Ora citada, ora ironizada e transformada, a tradição em torno de Pessoa é, portanto, em muitos casos passível de identificação em Saramago: n’*O ano*, a precisão das informações deixa claro que o material de base é textual. E é natural que a retomada da obra e da figura de Fernando Pessoa passe por trabalhos como a biografia realizada por Simões, pelo papel

13 O relato consta do prefácio à segunda edição da biografia, o que já permite supor que foi essa ou outra edição posterior aquela consultada por Saramago. Registre-se que, entre outros livros sobre Pessoa publicados até os anos 1980, a segunda edição da biografia escrita por Simões teria, de fato, feito parte da biblioteca de Saramago, conforme pude verificar na Fundação José Saramago, em julho de 2020, para onde tinham sido recentemente levados os livros do gabinete pessoal do escritor.

14 “Mas a frase era sonora, e uma citaçãozinha de Goethe fica sempre bem, não é verdade?” (MONTEIRO, 1985, p. 163).

que teve na divulgação e na criação do Fernando Pessoa da história da literatura. O diálogo, porém, não significa uma validação dessa personagem: longe de se pretender uma biografia que retoma outras que vieram antes, *O ano* problematiza a construção e mesmo a canonização da personagem de Pessoa. São muitas as referências que atravessam o romance, e a intertextualidade com a obra do escritor e do poeta Pessoa vai igualmente reforçar o modo como a personagem da tradição é posta em causa: pois se a cada época e a cada autor interessa uma personagem diferente, os excessos que acabam resultando assumem outra dimensão quando, por exemplo, interesses políticos se interpõem.

A recuperação de Camões n'*O ano* permite aprofundar a reflexão sobre personagens histórico-ficcionais e sublinhar certos problemas relacionados à instrumentalização política da personagem autoral. No romance, Camões só assume o estatuto de personagem na figura de sua já célebre estátua, com quem Fernando Pessoa, fantasmático, também sem muita consistência humana, chega a entabular conversa numa ocasião (ibid., p. 417-8). A escultura, por aquilo mesmo que a caracteriza, isto é, por seu caráter oficial, simbólico, paisagístico até, torna-se um meio propício à representação deste outro Camões institucionalizado e heroicizado, em detrimento ou à revelia de sua obra. Essa semipersonagem fará então par com Pessoa, como se seu estatuto fosse uma projeção do futuro que aguarda o poeta dos heterônimos. A estátua marca a transformação do autor em personagem política, assim como a sua obliteração e caricaturização, tema ao qual Saramago retornou mais de uma vez: “o Camões transformou-se numa coroa de louros e num olho fechado; e o Fernando Pessoa é um chapéu, uns óculos e um bigode. Vão a caminho da invisibilidade” (in REIS, 1998, p. 417-418).¹⁵ N'*O ano*, a estatuária de personalidades portuguesas, suas conseqüências e ironias, chega a ser discutida por Reis e Pessoa, que se mostra enfático em sua recusa a se ver assim representado:

A mim nunca me levantarão estátuas, só se não tiverem vergonha, eu não sou homem para estátuas, Estou de acordo consigo, não deve haver nada mais triste que ter uma estátua no seu destino, Façam-nas a militares e políticos, eles gostam, nós somos apenas homens de palavras, e as palavras não podem ser postas em bronze ou pedra, são só palavras, e basta, Veja o Camões, onde estão as palavras dele, Por isso fizeram um peralta da corte, Um D'Artagnan, De espada ao lado qualquer boneco fica bem, eu nem sequer sei que cara é a minha (SARAMAGO, 2016, p. 425-426).

15 Ver também o texto que Saramago escreveu para o catálogo da exposição “Um rosto para Fernando Pessoa”: “De uma pessoa que se chamou Fernando Pessoa começa a ter justificação que se diga o que de Camões já se sabe. Dez mil figurações, desenhadas, pintadas, modeladas ou esculpidas, acabaram por tornar invisível Luís Vaz; o que dele ainda permanece é o que sobra: uma pálpebra caída, uma barba, uma coroa de louros” (1985, n.p.).

Um monumento a Fernando Pessoa já havia sido erigido na altura da publicação do livro de Saramago, feito por Aureliano Lima em Santa Maria da Feira, em 1983, e sua estátua propriamente em Lisboa não demoraria a vir, assinada por Lagoa Henriques e inaugurada na ocasião do centenário do nascimento do poeta, a 13 de junho de 1988. Mais conhecida, essa estátua foi instalada na frente do café *A Brasileira*, não muito longe do Camões, um dado que o leitor de hoje vai ter e que modifica a percepção de trechos como esse. Para além dessa ironia extradiegética seja com o tempo da narração, seja com projeções futuras confirmadas da estatuificação de Pessoa, o que diálogos dessa natureza reforçam é o jogo da narrativa com a representação, como se as personagens viessem aqui afirmar aquilo que estava sendo elaborado no plano da narração: elas enunciam com todas as letras a diferença importante que há entre ser escritor e ser estátua, entre ser homem de palavras lidas e ser personagem política. Sublinhe-se ainda que a comparação entre Camões e o herói de Alexandre Dumas (pai) já havia sido feita antes no romance, num trecho que marca tanto o processo de construção quanto a permanência de certas personagens:

Ricardo Reis [...] chegou ao Camões, era como se estivesse dentro de um labirinto que o conduzisse sempre ao mesmo lugar, a este bronze afidalgado e espadachim, espécie de D'Artagnan premiado com uma coroa de louros por ter subtraído, no último momento, os diamantes da rainha às maquinações do cardeal, a quem, aliás, variando os tempos e as políticas, ainda acabará por servir, mas este aqui, se por estar morto não pode voltar a alistar-se, seria bom que soubesse que dele se servem, à vez ou em confusão, os principais, cardeais incluídos, assim lhes aproveite a conveniência (ibid., p. 77).

O resumo em poucas linhas do clássico *Les Trois Mousquetaires*, de 1844, se num primeiro plano serve para falar de conveniências e apropriações de personagens históricas, também age como um espelho a projetar aquilo que as iguala, isto é, que tanto o D'Artagnan como o Camões de capa e espada são, afinal, criações. Pessoa surge, então, ao lado dessas personagens, ele também tornando-se herói nacional na época da publicação do romance, com a transferência de sua sepultura do Cemitério dos Prazeres para o Mosteiro dos Jerónimos.¹⁶ Naquele momento, a personagem que interessava era sobretudo o poeta da multiplicidade – vejam-se os versos de cada um dos heterônimos que circundam o túmulo nos Jerónimos –, uma figura apropriada para “uma renovada afirmação de portugalidade”, conforme expressão de Manuel Alegre quando fez a proposta do traslado dos restos mortais de Pessoa diante da Assembleia da República (DIÁRIO, 1983, p. 253). É neste contexto de exaltação da personagem-herói do poeta múltiplo que *O ano* é escrito e publicado, buscando já outra personagem, não só o poeta, não só o emblema nacional, ainda que uma e outra faceta apareçam, nesse sentido estabelecendo um

16 O traslado do corpo de Pessoa só ocorreu no final de 1985, mas a proposta para a Assembleia da República ocorreu em meados de 1983 (DIÁRIO, 24 jun. 1983, p. 227-292) e já era notícia antes da publicação d'*O ano*.

diálogo – em geral, por oposição – tanto com a personagem do tempo da narrativa, o recém-falecido poeta de *Mensagem*, quanto com a personagem do tempo da narração, isto é, o poeta que é todos, o mais novo representante da portugalidade, um termo já velho, da época do Estado Novo, que então ganhava nova roupagem (cf. SOUSA e MARTINS, 2013, p. 87-103).

A “moda do Pessoa”, segundo expressão de Saramago (in REIS, 1998, p. 56), talvez tenha começado com Simões, mas vai ganhar força efetivamente nas décadas de 1970 e de 1980, culminando com a redescoberta do *Livro do desassossego*, publicado em edição mais completa em 1982, quase cinquenta anos após a morte do autor. Um ano antes havia saído a já mencionada *Fotobiografia* de Lencastre, com uma série de detalhes sobre a vida de Pessoa, das casas onde morou a autores que leu. Quanto maior a distância e a canonização, maior a transformação do autor em personagem, e a revisitação de Saramago leva em conta esse fenômeno, voltando à década de 1930, ao momento em que Pessoa ainda era uma lembrança recente, e investigando facetas diversas dessa figura.

Toda essa revisitação é evidente na construção da personagem do próprio Pessoa no romance, mas não se limita a ela: o diálogo com a tradição em torno de Pessoa – com a personagem da tradição – reflete-se tanto na construção de Ricardo Reis quanto no processo de narração metaléptica, que não raro excede os limites da narrativa e da focalização da personagem. Pois *O ano* não é a história de Pessoa, ainda que essa história, com todos os autores envolvidos, seja um intertexto importante e ligue-se à história da ficção de Pessoa e em torno de Pessoa que o romance também narra.

Não há dúvidas, enfim, de que Saramago ambiciona tocar no mito ao visitar Pessoa, sua obra, as personagens que ele mesmo criou e aquelas que também lhe foram imputadas por diferentes tempos, autores e políticas. Tudo isso é feito com um profundo conhecimento da recepção, da vida e da obra de Pessoa, num esforço de compreender (SARAMAGO, 1999, p. 109), como se a esse autor não fosse possível ser indiferente. Em Saramago, a valorização e mesmo o elogio da obra de Pessoa não serão marcados por adjetivos hiperbólicos, mas pela afirmação da sua necessidade. O romance todo o mostra, e uma homenagem mais direta e delicada é feita em um diálogo entre as personagens Reis e Marcenda, quando o primeiro, para disfarçar que estivera conversando com um Pessoa invisível para os outros, recita para a moça versos do poeta falecido que teria estado a dizer para si mesmo:

Entre o que vivo e a vida, entre quem estou e sou, durmo numa descida,
descida em que não vou, Foram esses os versos que esteve a dizer, Foram,
Podiam ter sido feitos por mim, se entendi bem, são tão simples, Tem razão,
qualquer pessoa os poderia ter feito, Mas teve de vir essa pessoa para os fazer
(SARAMAGO, 2016, p. 211).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Ivone de Ornellas. “‘Ele sabia o valor que tinha’: entrevista com Henriqueta Madalena”, *JL*, n. 177, nov. 1985, pp. 6-7.

BLANCO, José. “História da edição nacional”, in Fernando Cabral Martins (org.), **Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português**. Lisboa: Caminho, 2008, pp. 634-638.

_____. “A verdade sobre a *Mensagem*”, in Steffen Dix e Jerónimo Pizarro (orgs.), **A arca de Pessoa: novos ensaios**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007, pp. 147-158.

BRECHON, Robert. **Étrange étranger : une biographie de Fernando Pessoa**. Paris: C. Bourgois, 1996.

CERDEIRA, Teresa Cristina. **José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de portugueses**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

COSTA, Eduardo Freitas da. **Fernando Pessoa: notas a uma biografia romanceada**. Lisboa: Guimarães, 1951.

DIÁRIO da Assembleia da República. III Legislatura, 1ª sessão legislativa (1983-1984), I série, n. 9, reunião plenária de 24 de junho de 1983, diário de 25 de junho de 1983, pp. 227-292.

DIONÍSIO, João. “A arca”, in Fernando Cabral Martins (org.), **Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português**. Lisboa: Caminho, 2008, pp. 55-58.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes : la littérature au second degré**. Paris: Seuil, 1982.

KRISTEVA, Julia. « Bakhtine, le mot, le dialogue et le roman », in **Critique**, n. 239, 1967, pp. 438-465.

LANCASTRE, Maria José de. **Fernando Pessoa: uma fotobiografia**. 4. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986 [1981].

MONTEIRO, Adolfo Casais. **A poesia de Fernando Pessoa**. Org. José Blanco. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.

PESSOA, Fernando. **Cartas de amor de Fernando Pessoa**. Org. David Mourão-Ferreira. Lisboa: Ática, 1978.

_____. **Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.

QUEIROZ, Carlos. **Homenagem a Fernando Pessoa**. Lisboa: Presença, 1936.

REIS, Carlos. **Diálogos com José Saramago**. Lisboa: Caminho, 1998.

Metamorfoses, Rio de Janeiro, vol. 18, número 1, p. 143-156, 2021.

ROANI, Gerson. **Saramago e a escrita do tempo de Ricardo Reis**. São Paulo: Scortecci, 2006.

ROMERO, Sílvio. **Machado de Assis: estudo comparativo de Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1897.

SARAMAGO, José. "As notas de Ricardo Reis", in **Revista Ler**, n. 44, 1999, pp. 106-115.

_____. "Da impossibilidade deste retrato", in **Um rosto para Fernando Pessoa: obras de trinta e cinco artistas portugueses contemporâneos**. Lisboa: Centro de Arte Moderna – Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

_____. **O ano da morte de Ricardo Reis**. 1. ed. Lisboa: Caminho, 1984.

_____. **O ano da morte de Ricardo Reis**. 25. ed. Porto: Porto Editora, 2016.

SIMÕES, João Gaspar. **Vida e obra de Fernando Pessoa: história duma geração**. 3. ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1973.

_____. **Vida e obra de Fernando Pessoa: história duma geração**, v. II: Maturidade e morte 1. ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1950.

SOUSA, Vítor de; MARTINS, Moisés de Lemos. "A 'portugalidade' no discurso parlamentar português: Assembleia Nacional (1935-1974) e Assembleia da República (1976-2012)", in **Comunicação e Cultura: II Jornada de Doutorandos em Ciências da Comunicação e Estudos Culturais**. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2013, pp. 87-103.